

Saudação a Genuíno Sales*

Giselda Medeiros

Confesso que minha alma, a resvalar entre a plenitude do contentamento e a recorrência da timidez, sentiu-se, ainda assim, impregnar-se de cálida emoção, ante a dignificante incumbência de, nesta noite de inefáveis alegrias, saudar o novel acadêmico Genuíno Francisco de Sales.

Primeiro, porque um grande ser humano adentra esta centenária Academia para tomar assento na cadeira número 9, antes ocupada pelo imortal João Clímaco Bezerra, nosso pranteado colega; segundo, porque Genuíno Sales é, antes de tudo, um dileto amigo.

Diante de tais evidências, sinto não poder domar o coração, este corcel indócil, para desincumbir-me de tão nobre tarefa. Por isso, prezados acadêmicos, senhoras e senhores, peço-vos, humildemente, que me perdoeis esta quase fragilidade humana que, sem dúvida, irá comandar, doravante, meu pensamento, que já se faz doce, um tênue fio d'água, uma vez que não pode alcançar a tempestuosidade dos grandes rios da erudição e da eloquência. Chego, simplesmente, sob a égide da poesia, altar e símbolo, flâmula e plenitude, ancoradouro dos que amam o belo e esperam, com seus intrépidos passos, transpor a longa noite das insônias para acender a luz da esperança e dos sonhos no coração do homem. Chego com a tocha da minha poesia e reacendo velhas paisagens longínquas, encobertas pela névoa do tempo, de onde saltam queridas e saudosas imagens para o nosso presente.

15 de abril de 1938. Nazaré, localidade do município Pedro II, no Estado do Piauí. Uma casa branca, largos oitões, acenando do alto de pedras miúdas. O carnaubal gemendo, farfalhando ao bulício do vento. O longo pátio. Os bois ruminando sua sorte nos chocalhos cantantes ao pescoço. O terreiro, guardador dos silêncios das noites serranas. Os anuns-brancos, em seu alvoroçado vôo, a clamar pela chuva, benditas lágrimas do céu tão ansiosamente esperadas. As graúnas e os casacas-de-couro, poemas selvagens no livro das madrugadas sertanejas. As seriemas de estríduladas gargalhadas. Os tetéus em sua empedernida insônia, a imprimir nas várzeas o seu canto de solidão. Os corujões da baixa riscando a escuridão da noite com seu aziago canto.

* Discurso pronunciado em sessão solene na noite de 29/6/2006, na sede da Academia Cearense de Letras.

O rio, em seu balé, ziguezague cantante e choroso. A cozinha. Os panelões, no fogo, a ferver ternuras. O oratório, de onde o olhar dos santos predizia bênçãos. Bênçãos especiais, naquele dia, para o menino que chegava, o benjamim de numerosa prole do casal Antônio Francisco de Sales e Izabel Francisca de Jesus.

Senhoras e Senhores, foi esse o cenário de beleza telúrica que, primeiro, desvirginou o olhar do recém-nascido. A poesia inaugural. O conto inédito. A primeira melodia. O vaticínio: *Alea jacta est*.

O menino, embriagado daquela pureza rupestre, ia crescendo, à proporção que também se avultava nele o sonho. Foi, então, que o menino desejou ultrapassar aqueles limites. Seu olho enxergou, lá longe, o obstinado ideal. Era preciso persegui-lo. Desse modo, desafiando o preconceito de que estudar era só para quem nascesse nas cidades, encheu-se de fôlego e foi enfrentar as difíceis provas ao exame de admissão, no Ginásio São Luís Gonzaga da Diocese de Parnaíba, em regime de internato. Primeiro lugar, sua inaugural coroa de louros.

Longe da casa e da família, agora adolescente e sob o impacto de radicais mudanças, o menino encontra um bálsamo para a sua solidão: as respeitadas cartas, endereçadas assiduamente ao pai, nas quais ia deixando marcados seu caráter, sua alma sensível e já amante da Verdade, do Belo e da Justiça. Apegado ao seu ideal e, manifestando precoce conhecimento dos valores éticos, ele escreve, em carta datada de 24 de março de 1955, então com 17 anos: "Para que no futuro eu seja um homem é necessário procurar uma regra que alinhe a vida do homem, e esta regra é desde criança que ela me acompanha: o caráter". E, nesta outra, de 3 de maio de 1959: "no afã constante de meus estudos prossigo como sempre visando os mesmos objetivos sem deixar do tempo perder-se uma só migalha. Luto com fé e satisfeito estou porque esta fé não morrerá enquanto de mim a responsabilidade exigir sacrifícios". E, nesta datada de 8 de junho do mesmo ano: "De pé com a luta ainda tenho mantido o firme propósito de cada dia mais intensificar os estudos com uma única visão: de elevar ao mais alto píncaro os meus sonhados ideais".

Era óbvia a persistência com que o menino alimentava a candeia de seu sonho, deixando-se crestar, prazeroso, pelo sol do conhecimento. Força de vontade. Muitas horas debruçado sobre livros. Apaziguar a saudade de casa que lhe roía o peito, no silêncio do internato, era-lhe uma constância. A despeito de tudo, o sucesso lhe sorria, e a conclusão do curso, com brilhantismo, foi seu galardão.

Mais uma vez urgia determinação, quando o menino sorvia a primeira taça de amargura: a “embriaguez dionisíaca” da morte, que lhe arrebatara o amado pai. Mas, Dona Izabel, a mãe, intuía que “um homem com ideal tem um barco no coração e uma bússola na cabeça. Por isso não há tempestade que o afunde ou lhe tire o rumo certo”. Deu continuidade ao que o marido iniciara. O destino, agora, de Genuíno era Fortaleza, onde veio a se graduar em Direito pela Universidade Federal do Ceará, em 1966.

O cidadão estava formado, mas o homem carecia de completar-se. Volta ao Piauí. Dona Glades, o amálgama feminino, vem compor a unicidade e tornar-lhe o mundo mais habitável e rico, com a inerente doçura e a possibilidade de dar-lhe um futuro: os filhos. E lhos deu. Três filhos e cinco netos, da terra de Alencar, na qual fincaram suas âncoras. “O caboclo de Nazaré” virara homem e doutor. Mas, em tempo algum deixou de ser simples. O vasto cabedal de conhecimentos adquiridos contrasta com a sua modéstia. Longe de ser a casa, ele é o alicerce, firme sustentáculo de gerações e gerações de jovens estudantes que, nunca se lhe esquecem a palavra sábia, o ensinamento dosado com amor, com humanitarismo, na profundidade paternal. Em suas lições, perpetuara-se a alma do mestre. Daí, o carinho, a quase adoração de seus alunos, em depoimentos vários, como este da aluna Luciana de Castro Rodrigues: “Sua figura é sublime e a energia que dele emana é grandiosa, como sua inteligência. O escritor-poeta representa não apenas sua genialidade imponente; é mestre, marido, pai e amigo. Este último significa o verdadeiro motivo de tanta admiração”. E este outro da também aluna Paula Moreira: “O professor Genuíno constitui uma dessas riquezas da Terra, que a humanidade não conseguiu corromper. Do abraço emana calor e o aperto de mão transmite confiança. Admira-se sua tamanha sapiência, enquanto que a humildade das suas ações encanta”.

Senhoras e Senhores, lá no livro dos Provérbios, está escrito: “Bem-aventurado o homem que acha sabedoria, e o homem que adquiriu conhecimento. Porque é melhor a sua mercadoria do que artigos de prata, e maior o seu lucro que o ouro mais fino” (Prov. 3; 13, 14).

Com efeito, em sendo um desses bem-aventurados, Genuíno foi recompensado conforme a sua justiça, a sua humildade, a pureza de suas mãos limpas e devotadas para espalhar o bem. Em 1997, a Assembléia Legislativa do Estado do Ceará, outorga-lhe o honroso e merecido título de “Cidadão Cearense”, numa iniciativa do Deputado Fernando Hugo Colares.

E, em 2001, a Universidade Estadual do Ceará, confere-lhe o Diploma de Graduação em Letras, por notório saber. Estavam reconhecidos o cidadão e o educador. Também, o Piauí, a terra natal, em reconhecimento ao talento do extremado filho, a exemplo do Ceará, conferiu-lhe outros títulos não menos significativos: Oficial da Ordem Estadual do Mérito Renascença do Estado do Piauí, pelo Governo do Estado do Piauí, 1998; Cidadão Pedro-segundense – Intelectual do Século, pela Prefeitura Municipal de Pedro II, 2000; Medalha do Mérito Cultural Professor Wilson Andrade Brandão, pela Prefeitura Municipal de Pedro II, 2001.

Devotado e competente mestre do vernáculo, deixou fincados, desde 1964, seus ensinamentos em várias escolas e cursos pré-vestibulares desta capital, dentre os quais citamos os colégios São João, Brasil, Rui Barbosa, Castelo Branco, Lourenço Filho, Carlos de Carvalho até aportar, com exclusividade, em 1973, na Organização Educacional Farias Brito.

Estimado por todos os segmentos do Colégio e Faculdade Farias Brito, dos quais é o Diretor de Ensino, Genuíno está ali, até hoje, como uma espécie de mago, um oráculo, aonde todos vão abeberar-se de sua sabedoria, de seus conselhos, principalmente, de sua genuinidade.

Desde cedo, exercitara suas tendências sócio-político-literárias, no desempenho das múltiplas atividades assumidas: foi Presidente do Grêmio Cívico Literário Tiradentes do Ginásio São Luiz Gonzaga, em Parnaíba-PI (1958-1959); Orador Oficial da turma de Concludentes do Ginásio São Luiz Gonzaga Parnaíba-PI (1958); Presidente do Centro Estudantil Parnaibano, Parnaíba-PI (1958-1960); Consultor Jurídico da Federação dos Empregados em Estabelecimentos Bancários do Norte e Nordeste, Fortaleza-CE (1964-1966); Presidente da Academia Cearense da Língua Portuguesa, por dois mandatos consecutivos (1994-1997) e eleito novamente Presidente, neste 2006. É membro efetivo da Academia de Letras do Vale do Longá, cadeira 23, no Piauí, da Academia de Letras Maçônica do Estado do Ceará e Sócio Correspondente da Academia Piauiense de Letras.

Ao lado de todas essas e outras atividades, Genuíno ainda encontrava espaço para desenvolver o ideal a que tanto aspirara: o de trabalhar a palavra, em verso e em prosa, prazerosa prisão, a que já estava condenado. Destarte, lega-nos: *Bem na Safena* (contos), Teresina, Editora Corisco, 2002, ano das comemorações do sesquicentenário do Piauí. *Os Sertões* (ensaio), Fortaleza, Edições Demócrito Rocha, 2002. *Fins D'Águas* (contos), Fortaleza, Gráfica Farias Brito, 2005. *EntreMentes* (poesia), Fortaleza, Gráfica Farias Brito, 2005,

além de muitos outros trabalhos publicados em coletâneas, antologias, revistas e informativos, incluindo-se também prefácios, apresentações de livros, palestras, discursos, pareceres, críticas e produções didáticas.

Trabalhando sempre com responsabilidade e engenho, era de se esperar que a qualidade de seus escritos fosse reconhecida nos meios litero-culturais, e isso lhe foi retornando em premiações, dentre as quais relacionamos: 1º Prêmio Ceará de Literatura (1994), conferido pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará; Prêmio Literário Cidade de Fortaleza (2000), pela Fundação Cultural de Fortaleza; Prêmio Nestlé de Literatura - Viagem Literária (2000), como Professor-Coordenador de Português; II Prêmio Literário Professora Edith Braga - AJEB - (2002).

Alceu Amoroso Lima, em seu livro *A Estética Literária e o Crítico* (Rio de Janeiro: Agir, 1954), nos diz que “criar em literatura é dar vida às imagens e às idéias. É passar do domínio da meditação e da observação ao da ação por meio da intuição criadora. É usar a liberdade e a inteligência para animar novos seres que imitem a vida”.

Prezados colegas Acadêmicos, sabeis que Genuíno Sales intui este pensamento que perlustra toda a sua obra. Narrador exímio, alcança ele notório patamar, onde vamos encontrar grandes mestres da nossa literatura, como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Guimarães Rosa, Machado de Assis, Moreira Campos, João Clímaco Bezerra, dentre outros, que souberam exercer, com responsabilidade, a sua faculdade criadora como a expressão máxima de sua natureza livre.

Fins D'Águas é o testemunho desse alto poder de consciência de seu autor diante dos mecanismos da criação literária. Intuindo as cousas ao seu redor, Genuíno observa a vida como o objeto de sua arte, e passa a trabalhá-la através da palavra, que é o material intrínseco do homem de letras, para transmiti-la recriada, reinventada, num verdadeiro jogo de transposição do real para o plano da ficção e desta para o plano do real. Sua multiplicidade temática alcança a legitimidade, pois ele tem o talento necessário: sabe ser leve e sóbrio no dizer, dentro de uma profunda síntese interpretativa.

Por certo, deduzistes, prezados Acadêmicos, que o escritor que hoje entra para a história desta Academia, acumula competência, paixão pelo fazer literário, fatos que o levam a comungar com esta asserção de Artur Eduardo Benevides, quando nos assevera: “Literatura é a palavra a serviço da verdade e da beleza, escrita com a simplicidade de uma carta de amor, sem preocupações campanudas ou discursivas, sob a iluminação da metáfora e de vocábulos polivalentes”.

Para corroborar o que foi dito, trago-vos alguns depoimentos da crítica, que vê, em *Fins D'Águas*, a versátil originalidade do Autor, tanto no ato de narrar, quanto na utilização da linguagem nas falas de suas personagens. É o sertão com suas crendices, sua cultura, sua história.

José Alcides Pinto, assim, se expressou: “Tem mais de um mestre-escola na freguesia onde o menino Genuíno abriu os olhos ao mundo, e ele os identifica e os descreve com grande ironia numa página de ouro que já se tornou clássica em nossa literatura no conto ‘Mataram o coronel’: *No meio da rampa avistou o coronel, que descia para o fim de semana no sítio. Montava um quartau cardão estradeiro de longas crinas e ancas roliças e enormes. Os metais dos arreios tiniam no peitoral, nas cabeçadas e nas rédeas das solas de primeira e bem sovelada. Os loros sustinham as caçambas de zinco que serviam de estribos.*”

Francisco Carvalho assevera: “Em ‘Nanico’ (p.69), onde se narra a história de um parto considerado teratológico, este retrato nada ortodoxo de um menino nascido muito feio: *As orelhas, dois cogumelos crescidos naquela cabeça, como os que ornaram os caules da maniva dos pesados invernos. A boca uma flor de carne mal desenhada mas cujos lábios agravavam a feiúra do rosto empapuçado pelas bochechas irregulares.* Essa criatura quasimodesca não passava de um metro e trinta centímetros. (...) *Dadas as circunstâncias, ninguém acreditava que ele tivesse a libido.* Mas, segundo o testemunho do narrador, as pessoas da comarca comentavam que ele era dado à prática da zooerastia, devida a distúrbio psiquiátrico de natureza congênita”.

Edmilson Caminha, no prefácio da obra, testemunha: “Tome-se, para exemplo da literatura de Genuíno Sales, um trecho de “O que é lá?”: *De um lado, caixões de cedro abarrotados de farinha de mandioca de duas safras. Do outro, paiós de rapadura que espalhavam o cheiro bom do melado a distância. Paiós feitos de varas de pequiá e marmeleiro, forrados com esteiras bem traçadas de folha do broto da palmeira babaçu. Ao pé da parede, os dois compridos cochos de berendiba onde se guardavam feijão e milho na areia para evitar a praga do gorgulho.* Observe-se, logo, o talento descritivo do autor, a precisão com que constrói o ambiente, o esmero com que dispõe os objetos. Depois o saber da experiência feito, o conhecimento da realidade, o domínio da matéria: guardar feijão e milho na areia para evitar o gorgulho é coisa que não se aprende por ouvir dizer, nas práticas do dia-a-dia, memória da infância que se carrega pela vida afora”.

E Paulo de Tarso Pardal, em sua apresentação, salienta: “Na memória dos falares, além do registro de determinadas expressões, há muitas cons-

truções lingüísticas que, ditas pelos narradores, confirmam tanto a natureza sertaneja de tais moradores, como demonstram que Genuíno Sales tem um pé na memória e outro no estilo: *Pau de porteira no curral; Velório bastante concorrido, apesar de pouco pranteado; Quando ele a percebia estatuada na porta; grandes e chupados goles; Era gorda, muito quartuda etc.*”

Pela riqueza de sua lexicografia, *Fins D'Águas* foi objeto de riquíssima conferência, em sessão da Academia Cearense da Língua Portuguesa, pronunciada pelo confrade José Alves Fernandes, um dos maiores lingüistas de quem o Ceará muito se orgulha.

Prezados Acadêmicos, Senhoras e Senhores:

Pudestes aferir a essência e o quilate deste homem que hoje adentra auspiciosamente esta Casa de Tomaz Pompeu sob a guarda de seu patrono, Fausto Barreto, e sob o pátio da inteligência de seu antecessor, o imortal João Clímaco Bezerra. Genuíno, este homem comum a tantos outros, mas diferenciado pela capacidade de saber-se humilde aprendiz da vida. Um homem que sabe utilizar o movimento, a linha, a cor, o som da vida para daí edificar sua arte, calcada sobre as dores e mazelas humanas, pois é a partir daí que obra e autor se tornam universais.

Mas, Genuíno Sales não penetra sozinho este templo das letras. Acompanham-no suas personagens, ressurectas lá das grotas, das taperas, dos terreiros, dos socavões da serra, do rio, enfim, daquela paisagem da infância que, resistindo, continua nele e em sua obra como um sentido de vida sempre apta a ser recomçada, a partir de suas primeiras cores.

E, agora, o que dizer de Genuíno, o poeta? Ele não seria o grande contista se não houvesse sido antes poeta. Se não tivesse sentido penetrar em si o mistério da vida. Se não tivesse sido capaz de transgredir as distâncias temporais e espaciais para relembra os fatos e sentir tudo vivo no coração. Se não tivesse intuído que poesia, conforme atesta Dimas Macedo, “é o lunário perpétuo da dor, a bússola de fogo capaz de clarear a criação para que a canção construa a esperança, e a fantasia transforme o dado concreto do real”. Enfim, se não tivesse sabido usar a mimese como núcleo do seu fazer artístico.

Em seu livro de poemas *EntreMentes*, Genuíno mostra-se esse poeta comprometido em cantar as dores do homem em sua cosmoagonia, porque sabe ele que, se aliviarmos a dor ao nosso semelhante, não teremos passado em vão.

Genuíno é esse poeta que *na vertigem do côncavo estrelado / tece urdidura de sonhos / e voga nos ventos dúbios/* acreditando que *A vida madrugará nos terreiros / para banhar-se de luz / na aurora vermelha da existência.* Ou aquele que, em estado de graça movida pela solidão, esbraveja: *O terreiro de minha infância / é agora um deserto de escombros / onde as pedras mudas, monstruosas, / parecem regozijar-se / na empáfia da certeza brutal da eternidade.* Mas a esperança o acompanha e o faz acreditar no sonho, e ele canta: *Vivo esperanças / multiplicadas / pela ousadia de meus sonhos / e me assusto diante / da eternidade das pedras.* E, atordoado ante a perplexidade em face do imensurável, ele desabafa: *Não sinto a vida / no tremor que me alucina / mas vejo o céu, / este pálio infinito, / que me dá vertigens.*

Caros colegas Acadêmicos, quis passar-vos, nestes breves momentos, embora superficialmente, a presença irrefreável da literariedade no imaginário da obra de Genuíno Sales, este artífice da palavra que, com destreza, sabe extrair do aparente o fluxo essencial das cousas e dos seres e do finito, as marcas do que é eterno.

Caro confrade Genuíno (assim já posso dizê-lo), permiti-me fazer uso de vossas palavras, ditas em inflamado discurso no instante da concessão do vosso título de cidadania cearense. Dissestes: “Não há muita diferença entre ser do Piauí ou ser do Ceará. Nossas almas se irmanam através de fortes vínculos do amor telúrico. Os mesmos sonhos, as mesmas ansiedades e até os mesmos padecimentos. A seca - a pobreza - o analfabetismo e a discriminação por sermos nordestinos”.

Evidentemente, hoje, a Academia Cearense de Letras recebe com muita honra e luzes um cidadão que o Piauí nos presenteia, num gesto de doação fraternal: Genuíno, essa rara opala, extraída dos recôncavos da Serra dos Matões, que vem enriquecer nossa flâmula acadêmica.

Sede, pois, bem-vindo, nobre colega e amigo. A Cadeira número 9 é vossa.

E, agora, pleno de contentamento, já se me aquieta o coração.

Muito obrigada.